

A educação dos imigrantes italianos

Para realizar-se dignamente a história de cada um e de cada época, só seguindo a legitimidade de suas origens...

—JAYME PAVIANI

Introdução

Um novo paradigma do conhecimento está surgindo das interfaces e das novas conexões que se formam entre os saberes. Dessa forma, este trabalho procura estabelecer o encontro entre eles, valorizando o clássico e o popular, tangenciando o vasto campo da linguagem e seus entrelaçamentos.

Sem uma história de interações envolventes e amplas não podemos falar de linguagens. E estas ressurgem partindo de uma realidade que conhecemos e cada vez mais gostaríamos de preservar. Línguas e dialetos continuam sendo uma vasta fonte de pesquisa, pois não se pode dissociar a linguagem da estrutura social em que é usada, em situações de interação verbal.

Não cabe aqui diferenciar a inferioridade ou superioridade entre línguas, mas apenas apresentá-las como diferentes e adequadas às necessidades e características do grupo a que pertence o falante, sendo todas elas, como sabemos, igualmente válidas como instrumentos de comunicação.

Incorrer à literatura grega possibilitou questionar conceitos sobre educação, sobre o homem em sua racionalidade e subjetividade. O antigo e o novo se entrelaçam numa filosofia do conhecimento. E com a chegada do ano 2002, espera-se ter aprendido, com os valores do passado e as experiências do presente, o resgate do contato e da compreensão humana para o desenvolvimento de potencialidades educativas.

De mãos dadas com MacLuhan, repetimos: *Canta a tua aldeia e cantarás o universo.*

Entretanto, sem grandes pretensões, os capítulos aqui apresentados possibilitarão o aprofundamento dos temas em futuras pesquisas, pois a educação exige cada vez mais dos sujeitos uma permanente investigação.

O sonho da boa educação

Iniciar um trabalho citando um dos maiores educadores da cidade de Bento Gonçalves engrandece a presente investigação. Com o título “O sonho da boa educação”, o Irmão Nadir Bonini Rodrigues registra: “Muitos agricultores do norte da Itália, no século XIX, sonhavam com a paz e com uma terra de sua propriedade para viverem em família o ideal cristão da fraternidade. *Sonhavam dar educação para seus filhos. Sonhavam educá-los de maneira cristã.* Estavam dispostos a realizar seus sonhos. Para alcançarem isto decidiram ir para terras longínquas, deixando sua terra natal ...” (1999, p. 13).

O início da organização escolar em Bento Gonçalves data de 1882, com a fundação da Sociedade Regina Margherita que tinha a finalidade de instrução gratuita para os filhos de seus sócios. Os colonos preferiam inscrever seus filhos nas escolas italianas, que eram subvencionadas através do agente consular italiano. Estas escolas eram “um lugar onde se ensina a amar a pátria de origem e a de adoção” (1999, p. 16).

Conforme estudos realizados por De Boni (1987, p. 261), o ensino parecia não ser a preocupação da maioria, embora os primeiros tempos da colônia vissem florescer um grande centro estudantil num de seus primeiros núcleos, Vale Vêneto. Duas grandes escolas, uma para o sexo masculino, outra para o feminino, com seus internatos, constituíam a base para

uma vida estudantil intensa. O ensino era de alto padrão. Seu modelo era europeu. Nestas escolas, as duas ordens religiosas que as dirigiam formavam seus quadros, mas abriam ao mesmo tempo suas portas a todos indistintamente. Infelizmente, para quem não se destinasse à vida religiosa, era um ensino até certo ponto inadequado, particularmente para os filhos dos colonos. Quem freqüentava as escolas sabia que receberia uma boa fundamentação humanística, mas que para as suas lides agrícolas pouco significava. Caso quisesse aproveitar seus conhecimentos de maneira mais efetiva havia apenas dois caminhos: o primeiro, ingressar na vida religiosa; o segundo, partir para um centro maior, onde pudesse continuar seus estudos ou arrumar algum emprego burocrático.

Em nenhum momento surge na colônia um movimento para se estabelecer uma escola que ministrasse um ensino voltado para os interesses da lavoura. “Em geral o pensamento corrente era de que se poderia viver bem sem precisar de escola” (De Boni, 1987, p. 261).

Na década de 30, com a chegada dos elementos fascistas, o professor é utilizado como instrumento de divulgação a “imigrantes tutelados” que passaram a desenvolver sua atividade nas escolas rurais do município, utilizando livros adotados de claros instrumentos de doutrinação, inclusive para a alfabetização. Contratados pelo governos municipais, esses professores oportunizaram mais um espaço para a propaganda fascista.

A criação da Escola Ítalo-Brasileira, em 1934, onde era ministrado o curso de língua e cultura italiana, oportunizou nova forma de propaganda fascista que ganhou divulgação também na zona urbana atingindo faixa etária diferenciada, ou seja, a dos adultos.

A burguesia fascista era prestigiada pela Itália que abria os canais para o seu livre trânsito junto às atividades italianas. A presença de grupos teatrais vindos da Itália, de cantores líricos conferiu à sociedade local uma quantidade

cultural jamais atingida, nem antes, nem depois do período de ação fascista.

A Igreja Católica, na região, era favorável ao fascismo italiano. A adesão da burguesia local ao movimento italiano foi facilitada pelo fato de que a doutrina fascista fundamentava-se nos valores mais tradicionais do povo italiano, que eram os mesmos que norteavam a burguesia colonial. Ou seja: trabalho, disciplina, hierarquia, valores aceitos indiscutivelmente e estereótipos característicos da região.

Embora o clero propunha-se a ensinar o catecismo sempre em português, usando a língua estrangeira apenas quando necessário para a devida compreensão dos fiéis, dos quais muitos ainda não conheciam o idioma do país, o acordo entre as autoridades eclesiásticas e federais não foi cumprido no Rio Grande do Sul. Instruções do chefe de polícia de Porto Alegre (capitão Aurélio da Silva Py) limitavam os sermões em língua estrangeira apenas às vilas e núcleos coloniais afastados, onde existiam estrangeiros de maior idade e em número elevado. A língua, na opinião da autoridade policial máxima do Rio Grande do Sul, havia sido a pedra angular dos processos de penetração estrangeira no Brasil, e, como tal, devia ser reprimida.

A repressão instaurada durante a fase ditatorial do governo Vargas sobre as comunidades coloniais do sul do Brasil, tornou o fato de ser italiano (ou alemão) um crime passível de punição.

Os dados dos relatórios são, em muitos casos, a mais importante fonte remanescente para a reconstituição da história da escola nos primórdios da colonização. O problema da educação é motivo de preocupação constante, de pedidos de verba, de interesse pela contratação de professores.

Em 1883, o primeiro cônsul ficou admirado ao visitar Conde d’Eu (hoje Garibaldi) e ouvir dos colonos apenas dois pedidos: estrada e escola. Neste local encontrou uma escola

subsidiada pelo governo, com uma italiana como professora, recebendo 15 mil réis por mês. Os que tinham mais condições, enviavam os filhos à escola de um italiano, pagando-lhes 1 mil réis mensalmente. O professor tinha 44 alunos, os livros eram caros e o pessoal do interior crescia analfabeto. Em Dona Isabel, (hoje Bento Gonçalves) foi encontrada a mesma situação; uma escola pública e uma italiana particular... e ao invés de subsídios pecuniários eram pedidos livros escolares. Para os cônsules, a escola tinha uma função eminentemente patriótica, como a melhor forma de transmitir e preservar a cultura italiana.

O dialeto como linguagem peculiar de uma região

As tradições orais de um segmento urbano serão diferentes das de outro segmento da mesma cidade, ou desta para áreas rurais. Da coexistência de diferentes dialetos numa mesma colônia, como também do italiano e a progressiva presença do português, resultou o dialeto italiano do Rio Grande do Sul. Temos assim uma nova língua que provém de vários dialetos italianos (especialmente vêneto, lombardo, trentino, friulano, piemontês), do italiano e do português. Percebe-se então que o dialeto italiano aqui falado não é um dialeto puro, embora com a prevalência do vêneto. Processada por via de tradição oral, a aprendizagem desta língua se tornou espontânea e possibilita que indivíduos ao falarem português sintam necessidade de expressar-se em dialeto, como forma de melhor traduzir suas idéias e sentimentos.

A Campanha de Nacionalização do Estado Novo (1937–1945), parecia ter decretado a morte do bilingüismo nas colônias italianas e alemãs do Rio Grande do Sul, devido a sua proibição de falar, escrever e ensinar o Italiano e o Alemão. Com o retraimento na fala dos dois idiomas foi se impondo um componente de inferioridade psicológica perante a nação pela

proibição de livre expressão lingüística a populações que ainda não tinham a suficiente bagagem para falar a língua portuguesa. Tal imposição não surtiu o efeito esperado e hoje, o dialeto italiano é menos falado, devido às circunstâncias e exigências sociais, mas é mais conhecido, escrito e cultivado com apreço. Hoje, fala-se menos o dialeto do que na época anterior à última guerra, mas cresceu e se purificou a consciência de ser italiano. Nas áreas agrícolas, nas pequenas populações ou municípios continua-se a falar o dialeto, não porém com a mesma exclusividade anterior, enquanto nos centros maiores a fala dialetal é sempre mais restrita.

O italiano, nas cidades, foi sendo absorvido pelo Português, e pelos dialetos falados pela maioria. A falta de escolas fez com que bom número de descendentes de primeira geração fossem alfabetizados pelos próprios pais ou por professores italianos improvisados, contratados por grupos de famílias. O trinômio de ensino era *ler, escrever e contar*. O ler e o contar (fazer contas) interessava mais que o escrever. Cabe aqui registrar em dialeto: *La educassion se la imparà a casa* (“a educação aprende-se em casa”).

Em 1896, chegaram nesta região os capuchinhos franceses para implantar uma pastoral inovadora. Estes estagiaram na Itália para aprender o Italiano e em Portugal para aprender o português. A seu convite, chegaram às colônias italianas as Irmãs de São José de Chambéry, os irmãos Maristas, os Lassalistas. Nesta escolas começou o trilingüismo (português, francês e italiano) e nas outras destinadas aos leigos, mantidas também por estas congregações, o bilingüismo ficava entre o italiano e o português.

O linguajar da Região Colonial Italiana na sintaxe e na fonética

Uma das principais características que se percebe nos descendentes de italianos é a entonação das palavras, das frases, dando uma

nota de *musicalidade*. As estruturas frasais, notadamente o final das orações são cantadas. Particularidades são acentuadamente marcantes, como as relacionadas a seguir:

- pronúncia final em *ão*: coração (*coraçom*);
- a fraca pronúncia dos dois *r* (*rr*): terra (*tera*);
- a fraca vibração do *r* inicial: rato;
- *x* e *ch*: bolacha (bolaça), Caxias (*Caçias*);
- *j* muda para *z*: laranja (*laranza*);
- o uso de vogais abertas em vez de fechadas: rouba (*róba*);
- a supressão do *a* inicial: apronta (*pronta*);
- acréscimo do *a* inicial: marrom (*amarrom*);
- é freqüente o emprego de expressões como: mais grande; mais pior mais pequeno; mais bom;
- também observa-se o uso das repetições (pleonasmos viciosos): “Subiu para cima”;
- outra característica do imigrante italiano é a colocação do artigo diante dos nomes próprios: “A Maria foi embora”;
- é comum dizer “éramos em quatro”, ou “somos em quatro” lá em casa;
- ouve-se com freqüência “ele é de menor”, ou ele é “de maior de idade”.

Em noções de gramática (*Dissionário Talian*) apresentadas por Darcy Loss Luzzatto verifica-se que inexitem no “talian” os sons que no português são obtidos com o *j* e com o *g*, antes de *e* e de *i* e, e com o *x* e o *ch*, antes de qualquer vogal. Daí porque não se domina o português. José se transforma em *Zosé*; Bagé, em *Basé*. Bolacha, em *bolassa* e Caxias em *Cassía*.

O alfabeto do *talian* tem, portanto, 21 letras, sendo 5 vogais e 16 consoantes (*a, b, c, d, e, f, g, h, i, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, z.*)

O *talian*, como língua, formada pelos camponeses da grande imigração, é falado de maneira semelhante em várias partes do mundo, em cada uma, porém, com palavras do idioma local. Por exemplo, na Argentina e Uruguai, usam-se palavras argentinas e uruguaias.

Nossos antepassados, quando aqui chegaram, oriundos dos mais diferentes lugares do Norte da Itália, trouxeram não apenas a família e os poucos pertences que possuíam, mas também seu idioma, seus costumes, sua fé e sua cultura. Aqui assentados em “linhas” das colônias resultou uma língua de comunicação e, pouco a pouco, foi surgindo esta nova língua — com

forte influência vêneta, pois os vênets constituíam a maioria da população — o *talian* ou vêneto brasileiro.

Em quantos seremos, no Brasil, os fluentes do *talian*? Oito, dez, quinze milhões? Quem sabe? Mas de uma coisa estamos certos, o *talian* é a língua mais falada no Brasil, depois do português. (2000, p. 26)

Como no afirma Luzzatto: “O idioma é o substrato da cultura; perdido o idioma, a cultura fenece!” Nós, descendentes de italianos, gaúchos com muito orgulho, contribuimos para a riqueza desta região através do nosso trabalho, alegria e comunicação. Em tempos que não é mais possível fragmentar, devemos nos unir nesta “conexão planetária” para tornar este espaço mais humano, aceitando as diferenças, superando os preconceitos e valorizando nossas origens.

Selecionar da sabedoria popular alguns provérbios em vêneto e expressões genuinamente gaúchas enriquece qualquer trabalho de investigação. O humor, a ironia é característica destes ditos populares, que entre tantos, exemplificamos a seguir:

Chi stá co i lupi impara a urlar! (“Quem vive com lobos aprende a uivar.”)

Cagn vècio no’l ghe sbaia a la luna! (“Cachorro velho não fica latindo para a lua.”)

Farghe bem a un vilan, l’è farghe dispeto a Dio! (“Fazer o bem a um vilão, é desacatar a Deus.”)

Baso par forsa no’l val na scorsa! (“Beijo forçado não vale nada.”)

Da sabedoria guasca e de expressões genuinamente gaúchas destacamos:

De boca aberta que nem burro que comeu urtiga.

Encardido como pele de caudilho.

Como tosa de porco: muito grito e pouca lã.

Mais assanhado que lambari de sanga.

Mais enrolado que cristal para viagem

Mais parado que mosca em parede.

Mais tranqüilo que girafa em palmeira.

Esperto que nem gringo de venda.

Mais grosso que parafuso de patrôla.

Mais feio que tomo de cachorro em ladeira.

Mais apavorado que sapo em cancha de bocha.

Mais apertado que rato em guampa.

Empacado como burro de mascate.

Perfumado como mão de barbeiro

Frio de empedrar água de poço.

Folgado como luva de maquinista.
Mais comprido que xingada de gago.

Da sabedoria gaudéria, destacamos do *Popolarium Sul-rio-grandense*, de Apolinário Porto Alegre, alguns exemplos:

Vento e ventura pouco duram.
Vinho e amigo, o mais antigo.
Ovelha não é pra mato.
O que muito vale muito custa.
Um boi corneta deita a tropa a perder.
Quem tem acanhamento morre de fome.
O que urubu não conhece não come.

Dos ditos faceiros, destacamos:

Mais faceiro que égua com dois potrilhos.
Mais faceiro que filhote de ganso em taipa.
Mais faceiro que gordo de camiseta.
Mais faceiro que guri de calça nova.
Mais faceiro que pinto em cisco.
Mais faceiro que sapo em banhado.

Freqüentemente encontramos em nossos jornais registros curiosos e bem humorados da história de nossos italianos, como este, em ZH, que, de acordo com uma lenda italiana, a expressão aleluia não seria uma palavra hebraica, mas teria como origem as exclamações dos três legionários do exército romano escalados para vigiar o sepulcro em que foi depositado o corpo de Cristo. De acordo com a lenda, transmitida de geração em geração por uma história infantil, quando ocorreu a ressurreição, um dos soldados, o romano, teria exclamado “Ah!” Um segundo, piemontês, gritou “Le lui” (é ele). E o terceiro, germânico, “Ja!”. Juntando as três exclamações: Aleluia!

Em *La polenta attraverso i secoli*, Antônio Alberti conta que a polenta foi um alimento tão importante para os imigrantes italianos chegados no Rio Grande do Sul que mereceu uma homenagem em praça pública, em Vale Vêneto, na forma de um monumento à panela de ferro. De origem milenar, esse prato da culinária européia, especialmente italiana, era conhecido como puls em Roma e polts na Grécia. Foi citado nas obras de Plínio, o Velho, e várias de suas receitas estão no livro *De Re Coquinaria*, de Apício Marco Gávio, ambos no século 1º depois de Cristo. Num artigo recente,

Antônio Alberti revela que a palavra como hoje é usada chegou à península itálica com os hunos.

O termo caucásico *pulint* (que se pronuncia pulent) foi trazido para o Ocidente com as tropas de Átila, no século 4º. Com a descoberta da América e a introdução do milho e de sua farinha na Europa, a polenta ganhou um ingrediente fundamental. Foi assim, feita de farinha de milho, que ela embarcou nos navios da imigração no fim do século 19.

Registrar e preservar as diferenças lingüísticas, as tradições e características que compõem a história de um povo, enobrece o passado e o presente e, certamente, deixará para o futuro um legado valioso: “A palavra [...] voa como o vento, vai longe, as pessoas levam-na consigo para onde vão [...] Não há nada que passe de uma pessoa a outra como a palavra” (2000, p. 13).

Filha de pais italianos, ouvia deles diariamente frases, palavras em vêneto misturadas a um português popular que ainda hoje, eventualmente, expresso em algumas situações com muito orgulho e saudades. Lamentavelmente, nossos filhos estão mais envolvidos neste novo mundo de informações, de imagens e sons trazidos pelas novas tecnologias, onde o inglês se impõe de maneira acelerada.

Mesmo assim, textos e poemas de autoria de poetas e prosadores vênéticos da Itália e do Brasil são resgatados em nossos livros, em sua simplicidade, como, por exemplo, *Din-Den-Don*, de Sérgio Angelo Grandó:

Su le tere dei imigranti
Gh'è una cesa picenina
E una campana argentina
Che la ga un bel sonar

La ceseta l'è pintada
Coi colori de un bel fior
Sant'Antoni sempre atento
Sentinela del andor

Canto e prego ntea ceseta
Bele feste qua farom
Sonaremo la campana
Di e note: din-den-don

De um passado nem tão remoto, lembramos da discriminação que nossa gente sofreu por não saber falar o português com desenvoltura, por não conseguir emitir certos fonemas. Hoje, felizmente, nos orgulhamos por termos sido os responsáveis pelo desenvolvimento do comércio e da indústria do Sul do País. Nós, os “gringos”, sentimos orgulho da nossa língua, da nossa cultura, da nossa civilização. Espera-se que outras gerações possam responder com admiração: *Si, si, l'è vera che son drìo a imparar la léngua vèneto* (“sim, é verdade que estou aprendendo a língua vêneta”). Deseja-se também que a comunidade ítalo-brasileira caracterizada pela força de seu braço e pela perspicácia de sua mente, aliadas à tradição de fé à busca de integração, continue apreciando os valores que lhe foram legados. Não devemos esquecer que os nossos antepassados, simples, analfabetos na maioria, transmitiram um profundo sentido histórico da existência na busca de valorização do homem e da sociedade: “Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que, à força de velhas se fazem novas, — não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum” (Machado de Assis).

É relevante que pensemos nossa cultura geral, de uma forma aberta e dinâmica, visualizando perspectivas de registro dos diversos fatos sociais da realidade em questão para, assim, agirmos como sujeitos da história. É obrigação de toda população o ato de detectar sua própria realidade, o trabalho de transformar o seu mundo, aprender a vivenciar a sua história e reescrevê-la através de sua participação.

Crianças não brincam mais de bolinha de gude, nem mais empurram pneus velhos pelas ruas empoeiradas da nossa cidade, mas gesticulam com as mãos, e chamam a avó carinhosamente de “nonna”. O português e o italiano mesclam-

se em seu estilo “macarrônico”. Educadores defendem a volta do “idioma italiano” nas escolas. Nem o tempo inexorável apagará algumas marcas. Estudiosos e escritores de Bento Gonçalves têm garimpado e resgatado a sabedoria popular nos provérbios, outros têm registrado e criado a sua história, certamente objetivando contribuir para a consolidação do vêneta no Rio Grande do Sul. E deste grupo, “eu” também gostaria de fazer parte.

O dialeto vêneta

Falar o idioma de nossa origem e descendência é antes de mais nada aproveitar-se de uma riqueza natural que é a afinidade ao próprio idioma que conseqüentemente será uma relação lingüística a mais para a aprendizagem de outros idiomas.

Os imigrantes trouxeram sua herança cultural — a língua falada no seu território natal. Vieram todos do norte da Itália e a maioria era proveniente da região do vêneta, de Verona, de Vicenza, de Belluno, de Treviso, de Padova, de Trieste...

Procuravam os imigrantes, ao formarem núcleos coloniais, o convívio com pessoas procedentes dos mesmos lugares de origem, com seus usos e costumes e suas características lingüísticas peculiares, pois também o vêneta, como qualquer dialeto, difere um pouco de localidade para localidade, fato de que os falantes têm consciência, embora não dificulte a intercomunicação. Os dialetos são, na verdade, a expressão da cultura regional e do modo de ser de seus habitantes. Não seriam, portanto, o modo errado de escrever ou falar a língua oficial/nacional, no caso o italiano, mas sim verdadeiras línguas.

A convivência de imigrantes procedentes de regiões diferentes, com outras nuances de seu falar, produziram contatos lingüísticos e modificações no dialeto original, surgindo uma espécie de falar comum com características dos dois grupos dialetais básicos, lombardos e

vênetos, mas com a nítida predominância do último. E apesar de passar pela “nacionalização das escolas”, e pela proibição de uso em público durante a Segunda Guerra Mundial, o dialeto sobreviveu na colônia italiana e apresenta uma surpreendente vitalidade, como vem acontecendo com os dialetos em outros países.

O dialeto e o português figuram, na colônia, independentes, um ao lado do outro para fins de comunicação. O vêneto caracteriza-se por suas frases diretas, claras e objetivas. É uma língua simples e verdadeira. E para que possamos nos entender, como nos afirma o escritor Darcy Loss Luzzatto, não temos que ter vergonha de falar o vêneto, mas orgulho. Vergonha é desaprender o vêneto e não aprender o português, pois este é uma obrigação de todos nós que nascemos e vivemos no Brasil. O que não implica, no entanto, que deixemos de falar e, se possível, de escrever a nossa língua-mãe, o vêneto.

O autor faz algumas considerações que julgo importante colocá-las aqui. O vêneto, por não usar a letra dupla como o italiano, se vale dos acentos grave e agudo para identificar a sílaba tônica com som aberto ou fechado. Exemplo: *ballo* (italiano), *bàlo* (vêneto), *baile* (português); *chiesetta*, *ceséta*, *igrejinha*; *Giovanni*, *Giovàni*, *João*.

O fato dos descendentes dos vênetos não se darem bem com os érres (r) é facilmente explicável: não existe o duplo érre (rr) na língua falada vêneto e nem seu som correspondente. Exemplo: *tèra* (terra), *guèra* (guerra), *caréto* (carrinho).

O ç é utilizado para a obtenção de som idêntico ao c em português; o c, sem a cedilha, é pronunciado como no italiano. Exemplo: *ceséta* (“igrejinha”); *çígaro* (“cigarro”). Para obter a mesma pronúncia, em português, deveríamos escrever *tchesêta* e *cígaro*.

Para conseguir o som z — como por exemplo em: *Zélo véra?* (“É verdade?”), *'L ze lù!* (“É ele!”), *Vien zó!* (“Desça!”) —, usamos o z mesmo, contrariando a maneira atual de escrever o

vêneto, na Itália, em que se emprega o x: *Xélo véra?*, *'L xe lù!*, *Vien xó!*

No mais, conforme o autor, deve-se ler o vêneto como se italiano fosse.

Assim como o autor, muitos utilizavam o português na escola. Mas fora da sala de aula, principalmente no recreio, a língua universal era o vêneto. “Aqueles que seguiram os estudos passaram, pouco a pouco, a raciocinar e conseqüentemente, a falar corretamente em português; mas os que não puderam, continuaram a raciocinar e a verter para o português, mais ou menos literalmente, a frase já formada em vêneto” (1985, p. 26).

Se “domandar”, em vêneto, é utilizado como sinônimo para *pedir e perguntar* podemos entender melhor situações vivenciadas como professora em escola de Magistério onde alunas têm dificuldade em distinguir o uso destes dois verbos. Pergunto: E o “levar” e o “trazer”, tão freqüentemente utilizados como sinônimos, não são ambos o “portar” do vêneto?

Se numa casa de comércio nos perguntarem “e depois?” somente nós, diz o autor, entenderemos que significa “o que mais?” porque sabemos que aquele “e depois” nada mais é que a tradução literal de “e dopo?”

Não é por acaso que os vênetos são ótimos contadores de histórias e o idioma se presta a este fim. Temos em Bento Gonçalves e na região italiana bons exemplos. Registros como “Siete vòi cristiano? (És cristão?)” que Luzzatto afirma ter acontecido antes de 1942 porque se ensinava o catecismo ainda em italiano, e “Sampioni! Parché sampióni?” (traduzido como “tênis branco, carpim branco, calça meia canela”) são dois exemplos da originalidade deste povo.

O catecismo preparatório à primeira comunhão era ainda ensinado em italiano. O instrutor era o padre Cirilo, homem enérgico e que nunca estava para brincadeiras. A ordem era mantida com auxílio de uma longa vara, que também servia de batuta. O método era o da repetição. Todos juntos respondiam, mecanicamente, a pergunta do padre. Dia após dia, a mesma pergunta, a mesma resposta.
—Siete voi cristano? (Sois cristão?)

—Si, sono cristiano per la grazia de Dio! (Sim, sou cristão pela graça de Deus!)

—Quante persone ce sono in Dio? (Quantas pessoas existem em Deus?)

—Em Deus existem três pessoas: Padre, Filho e Espírito Santo.

E assim seguia o aprendizado: uma repetição de dar sono.

Às vezes a pergunta era dirigida a um dos estudantes, especialmente se o padre percebesse que o mesmo estava distraído.

Foi o que aconteceu com o Alcide... que vinha ao catecismo juntamente com o irmão Cristiano.

O padre Cirilo, de supetão, perguntou-lhe: Siete voi cristiano?

Alcide, pego de surpresa, meio apalermado, não respondeu.

O padre então, com seu vozeirão, gritou-lhe:

—SIETE VOI CRISTIANO?

—Não, respondeu ele. Eu sou Alcide. O Cristiano ficou em casa para ajudar à mãe. Eu apenas vim com o chapéu dele!

Tendo confundido cristiano (cristão) com Cristiano (irmão dele) pensou que o padre o tivesse tomado pelo irmão — realmente eram parecidos — por causa do chapéu emprestado. (1985, p. 100–102)

Em “Tênis branco, carpim branco, calça meia canela”, o autor conta que tênis e carpim (carpim, sim; meia era a de mulher) eram só usados na semana da Pátria; nos outros dias calçava-se chinelos ou tamancos. O tênis daquela época era branco, sola fina, também branca e, conforme sua mãe dizia, era caro e durava pouco. A Semana da Pátria e o tênis terminavam juntos.

Os tênis eram chamados de *sampioni*.

Nunca questioneei esse nome porque achava que assim fosse denominado na Itália. Mas não, o tênis era um calçado de invenção recente e o seu uso, no Brasil, mais recente ainda. De onde teria vindo esse nome então?

Consulta um, consulta outro, ninguém sabe. E aí o estalo: a marca do tênis. Eram todos eles, invariavelmente, da marca Champion! O *ch*, que deveria soar *x* (em inglês), para os vênetsos passa a soar *s*: *sampion!*

Un *sampion*, due *sampioni!* (1985, p. 116)

O professor Mário Gardelin referiu-se certa vez a romances da região imaginando sua releitura no futuro, pois mais do que as fotografias e as imagens, as palavras falarão uma linguagem que nos manterá unidos, em nosso apreço e carinho, por esta nossa terra amada.

Em março de 1989, escrevi no prefácio do livro *Piereto, um fenômeno*, do escritor bento-gonçalves Remy Valduga, que a ousadia dos personagens foi aprendida na escola da vida, que o vinho — anestésico para as dores da alma — é capaz de transformar suspiros e choros em risos e descontração. No seu sorriso tímido e franco, alia-se a ingenuidade à audácia, o rubor das faces à coragem de um povo bem-humorado e de forte sentimento religioso. Obras como esta são um convite a uma leitura divertida, saudável proporcionada por escritores locais que oferecem ao seu público histórias com sabor de vida colonial.

Portanto, falar dois idiomas, o vênetso e o português, é conjugar a força de duas etnias para a riqueza da cultura nacional. Ao falar o dialeto vênetso brasileiro em qualquer lugar da Regione Veneto, a comunicação se faz com facilidade e com admiração da parte dos italianos. Como nos afirma Luzzatto: “Roubar de um homem sua língua é roubar-lhe seu sentido primário e mais básico de identidade”.

Segundo o padre Raphael Bluteau, autor do primeiro dicionário da língua portuguesa (1712), *dialeto* é o modo de falar próprio e particular de uma língua nas diferentes regiões do mesmo reino: o que consiste no acento ou na pronúncia em certas palavras, ou no modo de declinar e conjugar a partir dessa antiga definição, o português do Brasil ainda é hoje caracterizado pelos gramáticos como um dialeto brasileiro. A língua portuguesa que chegou ao Brasil em 1500 foi aos poucos se impondo e se espalhando pelo território. Este autor passou trinta anos escrevendo a mão os dez volumes de seu gigantesco Vocabulário Português e Latino e dizia em seu estilo pitoresco que um dicionário “é a coruja dos livros”. Em 2001, consultando o dicionário Houaiss, com três mil páginas e duzentos e vinte e oito verbetes, só para a palavra “mate” encontramos várias informações sobre a planta, sobre as propriedades da bebida e sobre os seus

vários sinônimos e constatamos que o vocábulo teve seu uso alterado dentro do próprio Espanhol, de onde nos veio.

O filósofo e sábio chinês Confúcio afirmou: “Sem conhecer a força das palavras é impossível conhecer os homens”. Nosso poeta maior Carlos Drummond de Andrade diz: “Chega mais perto e contempla as palavras/Cada uma/tem mil faces secretas sob a face neutra”. Eduardo Galeano em “Ventana sobre la palabra” de *El libro de los abrazos* traz: “En lengua guaraní, ñe é significa ‘palabra’ y también significa ‘alma’. Creen los indios guaraníes que quienes mienten la palabra o la dilapidan, son traidores del alma”.

As palavras deixam uma música que lhes é própria, nos diz Ivan Izquierdo: “Não é a mesma coisa a palavra *moon* que suas aparentes traduções *mond, lua, lune* ou *luna*; Borges já falou disso”. Poetas bento-gonçalvenses criam versos e nos convidam a “celebrar a palavra/todos os dias/ armar o dia/de todas as palavras/abrir os olhos/para todos os sentidos/celebrar o amanhecer/de cada sonho/com todas as palavras” (Ademir Antonio Bacca, *Pandorgas ao vento*).

Sendo a linguagem uma prática, as línguas existem para com elas praticarmos a comunicação e interpretarmos o mundo. O falante, exposto a modelos de um ou outro nível, um ou outro dialeto, exercita-se e cresce lingüísticamente, porque aprender a língua é evolução natural. Língua é vida e toda língua é uma soma de “dialeto”. O que deve o professor fazer quando traços dos dialetos de origem dos alunos costumam interferir na língua padrão que devem aprender na escola? A experiência nos mostra que corrigir “erros” e impor regras de Gramática dá pouco resultado. Ao professor cabe saber diagnosticar a natureza lingüística, a variedade lingüística, os diversos dialetos, a existência de uma gramática própria. Todas as variantes são valores positivos na língua. Não será negando-as, humilhando quem as possui, que se fará um trabalho produtivo no ensino.

Se é através da língua que se estabelece a relação entre as pessoas, erros do passado, como a proibição em falar determinado idioma, o preconceito com diferentes falares ou “dialeto” devem ser banidos pela nova pedagogia que objetiva um ensino libertador. Tanto os dialetos, como as gírias, neologismos e estrangeirismos fazem parte de uma língua viva, dinâmica. Esta é a língua portuguesa que queremos, não mais um instrumento de opressão, mas enriquecida por variantes lingüísticas, por um bidialetalismo entendido como acréscimo e não como substituto de um outro dialeto.

Um bidialetalismo para a transformação, como propõe a escola transformadora, ou seja, a que possibilite ao indivíduo ascender lingüística e socialmente. Está em nossas mãos a derrubada dos muros para fazer conexões com o mundo, o trabalho cooperativo, a discussão coletiva, a construção de uma escola mais feliz, onde todos possamos aprender e ousar. Aliados às novas tecnologias educacionais, seremos protagonistas da mudança da escola, sonhada pelo educador Paulo Freire, como um lugar em que a relação vivida nas aulas seja o ponto de partida para uma grande transformação no mundo.

Segundo Ir. Nadir Bonini Rodrigues, “Educar é uma ousadia. Educar-se é uma audácia que só as pessoas valentes conseguem fazê-lo”.

A importância universal dos gregos como educadores deriva da sua nova concepção do lugar do indivíduo na sociedade. A vivacidade espontânea, a sutil mobilidade, a íntima liberdade, a idéia da natureza, das coisas do mundo numa perspectiva tal que nenhuma delas lhes aparecia como parte isolada do resto, mas como um todo ordenado em *conexão* viva, na e pela qual tudo ganhava posição e sentido. Este é também o pensamento de pensadores atuais como Edgar Morin, entre outros. A necessidade de unir e não mais isolar ou separar em todas as áreas da ciência. E é esta a principal tarefa da educação: promover a globalização do

ser e do saber para a reintegração planetária.

A filosofia dos gregos em muitos aspectos continua atualíssima. Foram eles que viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente. O que ficou dos filósofos gregos foram as primeiras grandes tentativas de explicação da linguagem. “Para os seres despertos, há somente um mundo comum”, dizia Heráclito. Para Pierre Lévy, pensador do século XXI, “há a necessidade de uma nova política planetária”. Nesta conexão planetária, a humanidade estaria prestes a ingressar em uma nova era de expansão da consciência. Mais uma vez, passado e presente se fundem na proposta de desenvolvimento de redes de inteligência coletiva, criando uma harmonia global a integrar os mais diversos povos e linhagens culturais. Segundo Lévy, “A verdadeira educação e a verdadeira aprendizagem fundem todas as disciplinas em uma apreensão global para a qual a aprendizagem de si é tão importante quanto o conhecimento do mundo. Um conhecimento de si que finalmente nos leva a perceber que somos, todos juntos, uma consciência iluminando um mundo”.

O lugar dos gregos na história da educação

Encontramos o homem no centro do pensamento grego. O problema do cosmos até o problema do homem que culmina em Sócrates, Platão e Aristóteles. O princípio espiritual dos gregos não é o individualismo, mas o humanismo também significando a educação do homem de acordo com a verdadeira forma humana, com o seu autêntico ser. O homem como idéia, a ela aspiram os educadores gregos, bem como os poetas, artistas e filósofos. O homem considerado na sua idéia significa a imagem do homem genérico na sua validade universal e normativa. A essência da educação consiste na modelagem dos indivíduos pela

norma da comunidade. Os gregos foram adquirindo gradualmente consciência clara do significado desse processo e chegaram, através de um esforço continuado, a uma fundamentação mais segura e mais profunda que a de nenhum povo da Terra, do problema da educação.

Este ideal de homem é uma forma viva que se desenvolve no solo de um povo e persiste através das mudanças históricas. Mas seria um erro ver na ânsia de forma dos Gregos uma norma rígida e definitiva. A geometria e a lógica aristotélica são, sem dúvida, fundamentos permanentes do espírito humano, válidos ainda em nossos dias, mas até estas formas universalmente válidas não excluem a coexistência de outras formas de intuição e de pensamento lógico e matemático.

A superior força do espírito grego depende do seu profundo enraizamento na vida comunitária. O homem como ser político, a serviço da totalidade, foi nesta atmosfera que se desenvolveu o gênio criador dos gregos até chegar a sua plenitude educadora, tanto acima do virtualismo intelectual e artístico da nossa moderna civilização individualista.

Os verdadeiros representantes da *paidéia* grega são os poetas, os músicos, os filósofos, os retóricos e os oradores, quer dizer, os homens de Estado. A história da educação grega coincide substancialmente com a da literatura. Esta é, sem dúvida, no sentido originário que lhe deram os seus criadores, a expressão do processo de autoformação do homem grego.

A educação para os gregos é o conjunto de organizações físicas e espirituais. Não é uma propriedade individual, mas pertence por essência à *comunidade*. Toda a educação é assim o resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana. A educação participa da vida e do crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual. Aristóteles recomendava o cuidado do corpo como forma de preservar o espírito.

A Grécia representa um “progresso” fundamental, um novo “estádio” em tudo o que se refere à vida dos homens e da comunidade. A história daquilo a que podemos com plena consciência chamar cultura só começa com os gregos. É marcante a posição *revolucionadora e solidária* da Grécia na história da educação humana. A idéia de educação para o homem grego é o sentido de todo o esforço humano. Era a justificação última da comunidade e individualidade humanas. O conhecimento próprio, a sua inteligência clara encontra-se no topo do seu desenvolvimento.

A importância universal dos gregos como educadores deriva da sua nova concepção do lugar do indivíduo na sociedade. A vivacidade espontânea, a sutil mobilidade, a íntima liberdade, a idéia da natureza, das coisas do mundo numa perspectiva tal que nenhuma delas lhes aparecia como parte isolada do resto, mas como um todo ordenado em conexão viva, na e pela qual tudo ganhava posição e sentido. A tendência do espírito grego para a clara apreensão das leis do real, pensamento, linguagem, ação e todas as formas de arte. Aprendemos dos gregos a estabilidade férrea das formas do pensamento, da oratória e do estilo que ainda hoje para nós são válidas.

Outro legado é a filosofia — a criação mais bela do espírito grego, seu mais eloqüente testemunho. O povo grego é o povo filosófico por excelência. Todos os povos criaram o seu código de leis; mas os gregos buscaram a “lei” que age nas próprias coisas e procuraram reger por ela a vida e o pensamento do homem.

Quanto à educação, a consciência clara dos princípios naturais da vida humana e das leis imanentes que regem as suas forças corporais e espirituais tinha de adquirir a mais alta importância. Colocar esses conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras, é uma idéia ousada e criadora que só

podia amadurecer no espírito daquele povo artista e pensador.

Os gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de *construção consciente*, constituído nas mãos, nos pés e no espírito (como é descrita a ausência da virtude humana mais difícil de adquirir). Só a este tipo de educação se pode aplicar com propriedade a palavra *formação*, tal como a usou Platão pela primeira vez em sentido metafórico, aplicando-a à ação educadora.

A preocupação dos gregos com a essência da palavra levou-os a interessar-se pelo texto literário. Nasce assim a consciência de língua “pura” em oposição à “popular”. E o termo “gramática” se estabeleceu com significação de “estudo da arte de escrever”. Portanto, vem deste período a idéia de que os literatos são aqueles que “sabem escrever”. Ainda hoje nos compêndios gramaticais encontramos exemplos extraídos dos textos literários de autores clássicos. As contribuições de Platão e Aristóteles foram decisivas para a construção da gramática. Visão esta perpetuada pela gramática tradicional e que perdura até hoje, ainda, em muitas escolas.

A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana, que, pela sua própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam. O seu conteúdo é ao mesmo tempo moral e prático. Consiste numa série de preceitos e em regras de prudência para a vida, transmitidas oralmente pelos séculos afora. Apresenta-se ainda como comunicação de conhecimentos e aptidões profissionais a cujo conjunto, na medida em que é transmissível, os gregos deram o nome de *techne*. Na sua forma mais pura, é no conceito de *arete* (virtude) que se encontra o ideal de educação dessa época. Fênix, educador de Aquiles, recorda ao jovem o fim para que foi educado: “Para ambas as coisas: proferir palavras e realizar ações”.

Conta Platão que era opinião geral no seu tempo ter sido Homero o educador de toda a

Grécia. Nem a apaixonada crítica filosófica de Platão conseguiu abalar o seu domínio, quando buscou limitar o influxo e o valor pedagógico de toda a poesia. Homero, e com ele todos os grandes poetas da Grécia, deve ser considerado o primeiro e maior criador e modelador da humanidade grega. Por atingir o mais alto grau da universalidade humana, tornou-se o mestre da humanidade inteira.

Esparta foi, em muitos aspectos, modelo para Platão e outros teóricos da educação posteriores a ele. Na vida dos espartanos, nas suas refeições coletivas, na sua organização guerreira, no predomínio da vida pública sobre a privada, na estruturação estatal dos jovens de ambos os sexos, viu-se a realização consciente de um ideal de educação. O grande problema social de toda a educação posterior foi a superação do individualismo e a formação dos homens de acordo com normas obrigatórias da comunidade. O Estado espartano, com a sua autoridade rigorosa, ocupou o pensamento de Platão a vida inteira pelo fato de seus cidadãos não pertencerem a si próprios, mas à Pátria. Além de a educação estender-se aos adultos, ninguém era livre nem podia viver a seu bel-prazer. Por mais forte que fosse o sentimento da individualidade, era impossível conceber que a educação se fundamentasse em outra coisa que não a comunidade da estirpe e do Estado.

A conexão que Pitágoras estabeleceu entre a música e a matemática foi uma aquisição definitiva do espírito grego. Foi desta união que nasceram as idéias pedagógicas mais profundas e de maior influência entre os gregos. Só o conhecimento da essência da harmonia e do ritmo que brota da música já seria suficiente para garantir aos gregos a imortalidade na história da educação humana.

Para os tempos modernos, o conceito de humanismo refere-se de modo expresso à educação e à cultura da Antigüidade. O humanismo é, portanto, uma criação essencialmente grega. Esta civilização foi a mais

profícua e influenciou todas as demais culturas. A própria palavra pedagogia tem origem no grego e refere-se ao escravo que acompanhava as crianças à escola. Sem esquecer que, na época que Roma dominava a Grécia, os escravos eram gregos, portanto, denotavam cultura suficiente para iniciar o processo de educação e substituíram os professores, passando a tornar-se os professores das crianças que antes apenas acompanhavam. Foram os gregos os primeiros a traçar e executar idéias sobre a prática pedagógica. Buscavam a formação integral que lhes garantissem ser cidadãos. Conseqüentemente, era seu objetivo a construção de um grande ideal de formação humana — a Paidéia — onde o homem só é tal por meio do comércio íntimo com a cultura, que deve estruturá-lo como sujeito e torná-lo indivíduo-pessoa. Estas continuam sendo metas no processo educativo ainda nos dias atuais. O homem, dizia Aristóteles, só atinge a felicidade dentro de uma coletividade social. Conhecer a civilização grega, berço da nossa civilização, é conhecer idéias, valores e o próprio homem. É saber mais sobre nossos sonhos, desejos, fraquezas, nossas grandezas e todas as possibilidades de nossas maldades. Por isso, podemos dizer que quem conhece os mitos gregos está mais perto de conhecer a alma humana.

Como já foi dito, nossa cultura é altamente influenciada pela cultura greco-romana, como podemos ver até mesmo na letra do Hino Rio-Grandense, oficializado em 5 de janeiro de 1966.

Como a aurora precursora
do farol da divindade
foi o Vinte de Setembro
o precursor da liberdade.

Mostremos valor, constância,
nesta ímpia e injusta guerra,
sirvam nossas façanhas
de modelo a toda terra.
Entre nós reviva Atenas

Para assombro dos tiranos,
sejamos Gregos na glória

e na virtude Romanos.
 Mas não basta pra ser livre
 ser forte, aguerrido e bravo,
 povo que não tem virtude
 acaba por ser escravo. (Letra: Francisco P. da
 Fontoura)

Conclusão

Ensinou-nos Aristóteles que amar é alegrar-se. E desta forma vejo os sujeitos da presente investigação. Estas pessoas que só fala um *r*, trocam o *j* pelo *z* e entre uma frase e outra deixam escapar um palavrão, amam a terra que os acolheu há mais de 125 anos. Os imigrantes da serra gaúcha, acostumados à língua italiana, falam o “brasileiro” (como é chamado por eles) de uma maneira melodiosa, cantada, alegre também. Esta forma de falar diferente é alvo de inúmeros estudos na região, e entre eles, incluo a minha modesta pesquisa.

Autores da região criam personagens que ajudam a quebrar o preconceito contra o sotaque italiano, desta outra forma de se expressar. Um exemplo local é o do cartunista Carlos H. Iotti, autor do Radicci. Outro exemplo de reconhecimento e valorização do nosso imigrante é a recente lei instituindo o Dia da Etnia Italiana no RS, a ser comemorada no dia 20 de maio, por ser esta a data que registra o início da colonização italiana em nosso estado, com a chegada em Nova Milano (distrito de Farroupilha) dos 86 imigrantes que plantaram as raízes desta centenária história.

Nossos imigrantes, motivados pelo trabalho, antes marcado pela opressão e necessidade, transformaram-no em motivo de alegria e satisfação. São marcas fortes que justificam o fato de deixar o estudo para um segundo plano, ou seja, acreditavam que o estudo não estava ligado aos interesses e exigências da vida. A escola era vista, portanto, como uma instituição secundária, na qual se pode pensar quando há uma certa folga nas finanças familiares. E, mesmo assim, não é para todos, mas para os que possuem “boa cabeça”: *La sapa zê il piú nobile instrumento del mondo! Piú che'l libro e che la spada*

(“A enxada é o mais nobre instrumento do mundo! Mais que o livro e que a espada”). Sendo assim, a escola, para gente “de prática e não de gramática” era um luxo, não uma necessidade.

No Rio Grande do Sul, a Constituição positivista de 1891, seguindo preceitos comteanos, insistia no ensino primário, mas concordava com a supressão de todo o ensino oficial secundário e superior, deixando entregue à livre iniciativa particular. A burguesia rural e urbana do Estado teve, pois, uma passagem quase obrigatória por colégios religiosos. Muitos filhos de colonos iniciam seus estudos em algum seminário, onde a preparação intelectual, na época, era a mais séria de todas. Muitas dessas pessoas, privilegiadas e letradas, registram em seus livros a formação, a cultura, a educação da imigração italiana.

De lá para cá, muita coisa mudou. Se o padre e a Igreja eram mais exigidos do que a escola e o professor, se a experiência ensinava que a vida era possível mesmo sem estudo, hoje, pais desejam a seus filhos um futuro melhor e sentem-se orgulhosos de lhes ter proporcionado condições para estudar. Abandonou-se a idéia de que a instrução não é ganha pão. Do grafite e da lousa, passamos ao computador. Os castigos, como ajoelhar-se em grãos de milho, foram substituídos pelo diálogo. De um tempo em que a educação era ministrada dentro de normas rígidas, muitas mudanças ocorreram. Felizmente, herdamos desses italianos grandes valores — a luta e o empenho para vencer na vida; a educação familiar, centrada na vida em comum, na amizade, no entusiasmo. Embora já não se pense e se aprenda como antigamente, pais continuam transmitindo aos filhos vivência profunda de união, de colaboração, de solidariedade como padrão cultural. Aliado a este valor, continuamos nós, educadores e aprendizes, a investir na educação, numa dinâmica mais ampla, ou seja, a dinâmica das relações sociais.

Para tanto, faz-se necessário buscar as razões históricas, o passado, a linguagem, não como fases ultrapassadas, mas sim como experiências concretas que possibilitem um conhecimento gerador de bem-estar coletivo. Um conhecimento que nos leve a perceber que somos, todos juntos, uma consciência iluminando um mundo.

Referências bibliográficas

Alberti, Antônio. *Etnias e Carisma*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001

Costa, Rovílio e outros. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDUCS. 1986

De Boni, Luís Alberto e Costa, Rovílio. *Os Italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDUCS, 3ª ed. 1984

Ferreira, Liliana Soares. *Educação & História*. Ijuí: Editora Unijuí, 2001

Frosi, Vitalina Maria e Mioranza, Ciro. *Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975

Jaeger, Werner. *Paidéia. A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995

Lévy, Pierre. *A conexão planetária*. São Paulo: Editora 34. 2001

Luzzatto, Darcy Loss. *Dicionário talian-português*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000

Luzzatto, Darcy Loss. *Ghen' avemo fâto arquante...* Porto Alegre: D.C. Luzzatto Editores Ltda., 1985

Luzzatto, Darcy Loss. *Talian (Vêneto Brasileiro): Noções de Gramática, História e Cultura*. Porto Alegre, Sagra: DC Luzzatto, 1994

Rodrigues, Nadir Bonini, Irmão. *Colégio Nossa Senhora Aparecida. 60 anos de educação*. Porto Alegre, 1999

Soares, Magda. *Linguagem e Escola. Uma perspectiva social*. São Paulo. Ática. 1988